

EDITORIAL

Apesar de a linguagem acadêmica ser uma exigência da maioria das revistas especializadas, nem sempre é ela imprescindível para a exposição de conceitos, idéias e propostas. Não nos acostumamos, ainda, com linguagens diferenciadas daquelas que identificamos como científica e que, invariável e normalmente, aceitamos como a única passível de veicular, comunicar e disseminar o conhecimento.

Os alunos dos cursos de graduação sentem dificuldades na leitura e entendimento dos textos técnicos e científicos. Criticam, em especial os que cursam as primeiras séries, o emprego de jargões e termos cujo sentido ainda desconhecem ou não estão em condições de assimilar. Obviamente, esse é um problema que deve fazer parte das preocupações de todos aqueles que, particularmente em nossa área, partilham suas experiências e reflexões através de artigos, comunicados, relatos, etc.

O problema maior, parece-me, reside no fato de que a imensa maioria dos pesquisadores e estudiosos das áreas técnicas e científicas não são “escritores”. Utilizam a língua como ferramenta, como instrumento, como canal de disseminação do conhecimento novo ou acumulado da área que escolheu como objeto de seu interesse. Na verdade, nem sempre usam essa ferramenta de maneira adequada ou, mesmo, correta. Muitos até acreditam que o conhecimento e o manejo da escrita não devem constituir preocupação para os que pretendem veicular suas reflexões e experiências, revestindo-se de pouca importância se comparados ao conteúdo disseminado. Os cursos de graduação, o de Biblioteconomia e o de Arquivologia não fogem à regra, destinam pouco espaço em sua grade para abordar o assunto. Normalmente, uma disciplina com carga didática de 36 ou 64 horas denominada “Língua Portuguesa” ou “Língua e Literatura da Língua Portuguesa” - esta muito mais abrangente - parece

sanar a responsabilidade dos cursos sobre o assunto. Tal ou tais disciplinas – quando os cursos oferecem mais de uma – não resolvem o problema. Devem ser elas consideradas como forma de amenizar o problema, pois a escrita perpassa todas as disciplinas ministradas durante o período em que o aluno está presente na Universidade.

Cabe ressaltar que a linguagem diferenciada da acadêmica não exige uma estrutura do texto, livre, descompromissada com padrões científicos. Ao contrário, ela, estrutura, pode não seguir os rigores das normas, principalmente as tácitas, mas acompanha, de maneira às vezes não tão evidente, o que se convencionou identificar como científico – apesar das várias visões, discussões e posições sobre esse assunto.

Um exemplo da tentativa do emprego de uma linguagem não convencional nas revistas acadêmicas pode ser encontrado neste fascículo de nossa revista. Sueli Bortolin, usando como base o livro de Cortázar, “O Jogo da Amarelinha” procura identificar a presença do hipertexto na literatura ficcional; não só nesta última, mas na própria mídia impressa. A linguagem que utiliza procura acompanhar o tema que escolheu para estudo e reflexão e adequar-se a ele, não seguindo totalmente os padrões tradicionais da acadêmica.

Os textos sobre bibliotecas escolares são ainda escassos na literatura biblioteconômica. A importância do tema, no entanto, é mais do que evidente. Os profissionais bibliotecários e as entidades de classe têm as bibliotecas escolares como um constante item de discussão. Poucas são as escolas que contam com uma biblioteca escolar estruturada e dirigida por um profissional capacitado; nas bibliotecas escolares são formados futuros usuários da informação; o conhecimento do universo informacional e as formas de relação com ele são iniciados e introduzidos na biblio-

teca escolar. Assim, evidencia-se a importância do texto de Elisabeth Martucci e Maria Milani que publicamos neste número.

Ainda temos uma metodologia (Grupo de Foco) para avaliação da opinião dos clientes, apresentada por Bárbara Leitão e Waldomiro Vergueiro, e uma discussão sobre o comércio na Internet desenvolvida por Heliéte Garcia.

No primeiro número da Informação&Informação relacionamos todos os trabalhos de conclusão de curso apresentados e defendidos entre os anos de 1983 e 1996. A proposta, além da divulgação dos trabalhos produzidos, foi permitir o conhecimento dos assuntos defendidos, mostrando a tendência e os temas predominantes identificados pelos alunos. A atualização dessa relação, incluindo o ano de 1999, mantém o mesmo propósito e o mesmo objetivo.

Oswaldo Francisco de Almeida Júnior
Editor